

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O CINEMA NA MÍDIA ALTERNATIVA: POSSIBILIDADES HISTORIOGRÁFICAS DO JORNAL *VERSUS* (1975-1979)

Vinicius Sales Barbosa
Mestrando em História – Universidade Estadual Paulista – Unesp
vinicius.s.barbosa@unesp.br

Resumo: Os mecanismos de censura da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) foram utilizados como ferramentas importantes na constituição de uma base autoritária, de maneira a perpetuar socialmente a política de vigilância do regime e submeter os veículos de comunicação. Como consequência dessa política de censura, podemos citar a subserviência de veículos jornalísticos da grande imprensa e o surgimento da chamada imprensa alternativa, palco de diversos periódicos que organizaram uma resistência crítica perante a repressão empreendida pelo governo. Com o intuito de evidenciar possibilidades de pesquisa ainda não abordadas pela historiografia, o presente trabalho objetiva apresentar e analisar pesquisas que abordaram o jornal *Versus*, periódico alternativo que promoveu uma resistência cultural contra o regime militar e cuja publicação ocorreu entre 1975 e 1979. Sustentamos que uma nova perspectiva de pesquisa, como o jornal *Versus* discutiu o cinema em seus escritos, permite a compreensão sobre o comportamento de alternativos veículos midiáticos num contexto de repressão política e social, dilatando os estudos historiográficos a respeito das resistências culturais durante a Ditadura Militar.

Palavras-chave: Ditadura Militar Brasileira; Imprensa Alternativa; jornal *Versus*

Introdução

Investigar a relação entre mídia e política se mostra uma tarefa complexa, devido a pluralidade de fontes e o trato diferenciado com cada uma delas, entretanto, tal trabalho contribui para o desenvolvimento do saber histórico a respeito de determinado período desde que alguns pontos funcionem como linhas norteadoras da perspectiva analítica.

Há que se perceber os diversos liames que podem ser estabelecidos entre mídia e política. Segundo Jeanneney (2003, p. 213-214), é notória a existência de conflitos entre os meios de comunicação e as instituições governamentais, bem como os projetos políticos que almejam alinhar e direcionar os veículos midiáticos, seja por meio de financiamentos estatais ou por um controle mais direto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ainda que tais influências políticas possam ser observadas no funcionamento das comunicações, as visões midiáticas também devem ser consideradas pelo pesquisador, uma vez que também há a penetração da mídia nas relações políticas (JEANNENEY, 2003, p. 221). A mídia disputa com o mundo político o poder de impor simbolicamente a sua visão particular sobre a sociedade, de forma que deve ser assimilada como um agente social que influencia e é influenciado pela estrutura dinâmica do domínio da política (BUSETTO, 2008, p. 19).

Esses jogos de influências entre mídia e política foram um dos fatores que movimentaram a conjuntura social e comunicacional durante a Ditadura Militar Brasileira¹ (1964-1975). Esse momento foi marcado por embates entre as ações ditatoriais e veículos da grande imprensa, mas também por sua subserviência forçada aos atos governamentais, o que ocasionou a criação de uma imprensa alternativa que se dedicou a se distanciar e disputar o poder da informação com esse grupo jornalístico hegemônico (AGUIAR, 2011, p. 237-238).

Portanto, ao conduzir a imprensa para o campo da pesquisa histórica, não podemos percebê-la apenas como um simples instrumento de comunicação, uma vez que tais órgãos informativos possuem uma certa força de intervenção nas relações sociais, políticas e culturais (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259-260). Assim, da mesma forma que o contexto sócio-político influencia a produção dos escritos da imprensa, o contrário também pode ser defendido.

Diante do exposto, o presente texto objetiva trabalhar as relações existentes entre mídia alternativa e a conjuntura ditatorial brasileira ao elencar pesquisas que se dedicaram a abordar o jornal *Versus*, um dos veículos alternativos do período. Como percurso, primeiramente traçamos um breve histórico de institucionalização do regime militar e suas interferências na área da imprensa, de forma a caminharmos para o segundo tópico, em que apresentamos e analisamos a historiografia existente sobre o

¹ Nos baseamos na argumentação de Carlos Fico (2017, p. 53) e de Marcos Napolitano (2020, p. 156-157) sobre os motivos de se utilizar o termo “Ditadura Militar” ao invés de “Ditadura Civil-Militar”. Para os autores, o golpe de 1964 fora realizado a partir de uma aliança entre setores civis (como a imprensa, empresários e a classe média) e a instituição militar, no entanto, com a formalização do regime, as Forças Armadas colocaram os ministérios estratégicos sob comando de militares influenciados pela Doutrina de Segurança Nacional (DSN), de maneira que o eixo de decisões políticas foi organizado em torno de uma cúpula militar.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jornal. Finalizamos com alguns questionamentos e reflexões iniciais que tendem a contribuir para o desenvolvimento e construção da pesquisa de mestrado, a qual originou a presente comunicação.

Repressão e Imprensa Alternativa

De maneira a compreender a criação e os escritos de *Versus*, bem como as influências que o periódico sofreu na conjuntura autoritária brasileira, nossa reflexão inicial nos remete aos mecanismos repressivos da Ditadura Militar, uma vez que tal estrutura coercitiva interferiu e buscou controlar as formas de entretenimento e os diversos meios de comunicação, como os veículos da imprensa.

O entendimento sobre a base ditatorial pode ser ampliado quando esta é colocada em diálogo com os interesses dos setores sociais que apoiaram a ruptura institucional realizada entre os idos de março e abril de 1964. Dentre essas ambições, podemos citar: o anticomunismo influenciado pela postura dos Estados Unidos em relação ao golpe civil-militar no Brasil, que pode ser identificado nos telegramas enviados pelo embaixador norte-americano Lincoln Gordon, os quais relatavam uma suposta tentativa de um golpe comunista orquestrado pelo presidente João Goulart (FICO, 2017, p. 14); a defesa de um discurso moralizador que sustentou uma postura anticorrupção que seria promovida após a entrega do controle das instituições políticas aos militares brasileiros, fator que auxiliou na posterior ampliação da estrutura repressiva do regime (KNACK, 2019); e, concomitante ao anticomunismo e ao caráter moralista, houve o discurso antirreformista e reacionário defendido por veículos da grande imprensa², pelos grandes empresários associados ao capital multinacional e pela classe média, possuidora de uma lógica particular de se sentir ameaçada pela ascensão das classes mais baixas (NAPOLITANO, 2020, p. 47-48).

² Como exceção a esse posicionamento, o jornal *Última Hora* de Samuel Wainer, marcado por ser o único periódico da grande imprensa a se opor ao golpe de 1964, continuou fiel ao trabalhismo varguista e às Reformas de Base de João Goulart (AGUIAR, 2011, p. 236) (NAPOLITANO, 2020, p. 46).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Após a movimentação dos quartéis comandada pelo general Olímpio Mourão Filho e a vacância da presidência declarada pelo Congresso Nacional, o golpe civil-militar de 1964 estava concretizado, segundo Napolitano (2020, p. 63-64). Com o intuito de assegurar o controle da sociedade, manterem os setores civis afastados do círculo de decisões políticas e o sustento oferecido pelos quartéis, os militares se articularam na criação de uma estrutura autoritária para consolidar e fortalecer os mecanismos de comando do regime (FICO, 2004, p. 34) (NAPOLITANO, 2020, p. 71).

Coube ao governo do general Castelo Branco (1964-1967), presidente eleito pela Junta Militar em 11 de abril de 1964, a organização inicial de uma estrutura autoritária que seria utilizada, desenvolvida e intensificada pelos presidentes posteriores. Como medidas executadas podemos citar o fechamento do Congresso Nacional, as cassações de mandatos políticos, a implantação de três Atos institucionais, a proibição de atividades políticas de estudantes, nova Constituição, o decreto de uma Lei de Imprensa restritiva e a assinatura da Lei de Segurança Nacional que, a partir da noção de “guerra interna”, seria utilizada posteriormente para combater as tentativas de guerrilha (FICO, 2004, p. 33) (NAPOLITANO, 2020, p. 73).

Apoiada nesse sistema autoritário, a implantação da política de censura tornou-se cada vez mais complexa, a fim de vigiar, perseguir e reprimir diversos setores da sociedade brasileira. A eclosão de movimentos sociais no ano de 1968, como a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro e as greves operárias nas cidades de Contagem (MG) e Osasco (SP), levaram o governo a organizar e intensificar duas formas de censura. Uma foi a censura às formas de diversões públicas que, existindo desde 1945, foi fortalecida pelo regime militar com foco em atuar sobre as produções culturais do teatro e do cinema a fim de defender o que era tido pelo regime como moral e bons costumes; a outra se refere à censura prévia aos veículos de imprensa, promovendo forte repressão e prisão de editores e jornalistas que publicassem temas os quais atacassem o governo (FICO, 2004, p. 37).

Após os ocorridos de 1968 e o decreto do Ato Institucional nº 5, veículos da grande imprensa, como o *Correio da Manhã*, o *Jornal da Tarde* e o *Estado de S. Paulo*, passaram a ser alvo de vigilância, perseguições e intensa censura prévia, segundo Martins e De Luca (2006, p. 107). Para driblarem tal mecanismo e não evidenciar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para a população a dimensão autoritária que o regime possuía sobre os meios de comunicação, a prática da autocensura, telefonemas ou bilhetes dentro da própria edição que decidiam o que poderia ser publicado, foi cada vez mais executada pela grande imprensa (AGUIAR, 2011, p. 236) (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 108).

Essa prática da autocensura foi uma maneira encontrada por veículos da grande imprensa de se manterem próximos aos círculos de decisão política, “[...] colaborando para construir e difundir uma imagem irreal, inverídica do país. E seguiram o fluxo quando o tabuleiro do poder mudou a disposição das peças, readaptando-se.”, como exposto por Beatriz Kushnir (2014, p. 180-181). Essa conivência gerou aos grandes jornais possibilidade de se modernizarem com a importação de máquinas e equipamentos, bem como a construção de novas sedes com recursos oficiais (MARTINS; DE LUCA, 2006, p. 110).

O emprego da censura prévia pelo regime militar e a subserviência por parte de alguns dos grandes jornais impediam que se discutissem, na grande mídia, o autoritarismo e as crises enfrentadas pelo país. Tais medidas autoritárias, responsáveis por fechar o cerco em torno da grande mídia, influenciaram o surgimento de uma imprensa de tom mais crítico e revolucionário, que se colocou como opositora ao regime e ficou conhecida como imprensa alternativa³ (KUSHNIR, 2014, p. 181-182).

Para Bernardo Kucinski (1991, p. 5), a imprensa alternativa vai na contramão do que a grande imprensa realizava ao cobrar a restauração da democracia e o respeito aos direitos humanos e ao criticar os desastres da política econômica do governo. Justamente por esse tom de crítica explícita, Kucinski (1991, p. 5) apresenta que o regime militar enquadrava a imprensa alternativa como inimiga e, seguindo os princípios da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), “[...] distinguia os jornais alternativos dos demais, perseguindo-os e submetendo os que julgava mais importantes a um regime especial, draconiano, de censura prévia.”

O assassinato do jornalista Vladimir Herzog em outubro de 1975 pelos órgãos de repressão do exército, foi um dos fatores que marcaram uma ruptura entre as relações do

³ Segundo Aguiar (2011, p. 237), os jornalistas da Imprensa Alternativa não se viam como “alternativos”, pois se consideravam os defensores do povo brasileiro, fator que os diferenciava dos jornais da grande mídia, tida por eles como “imprensa minúscula” por serem subalternos ao regime militar.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

regime com a grande imprensa, mas, principalmente, ocasionou o surgimento de novos veículos alternativos (KUCINSKI, 1991, p. 12). É nessa modalidade jornalística, ainda que alguns periódicos alternativos não se enquadrem no que se conhece por um jornalismo tradicional, e após esse ocorrido, que se insere o jornal *Versus*.

A historiografia sobre o jornal *Versus*, que será abordada no próximo tópico, tende a ampliar a nossa compreensão sobre como o periódico foi um veículo responsável por reunir e apresentar interesses de diversos grupos, bem como discutir questões geradas e influenciadas pela conjuntura repressiva perpetrada pela Ditadura Militar através da análise de seus escritos.

***Versus* – historiografia e possibilidades historiográficas**

A definição do que pode ser caracterizado como imprensa alternativa se mostra uma tarefa complexa, na medida em que é necessário verificar os dinamismos e particularidades de cada período e periódico, no entanto, para o presente texto adotamos a perspectiva de Aguiar (2011, p. 236), a qual sustenta que os alternativos “[...] seriam jornais que se oporiam ou se desviariam de tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira, que esta pretende tornar hegemônicas no país.”.

Essa oposição ao que era realizado pela grande imprensa no período da Ditadura Militar também não pode ser assumida de maneira unívoca, visto que Kucinski (1991, p. 5-6) nos apresenta dois perfis que buscam categorizar os alternativos: o primeiro é marcado pelos jornais predominantemente políticos, que possuíam raízes no nacional-popular⁴ e no marxismo, de forma que se dedicaram a abordar o endividamento externo e as crises sociais; o segundo remete a veículos influenciados pela contracultura, pelo anarquismo e pelo existencialismo sartreano com a postura de contrariar a primazia de um discurso ideológico e dogmático da esquerda, a fim de criticar os costumes moralistas e a ruptura cultural causada pelo autoritarismo.

⁴ Em oposição ao nacional-desenvolvimentismo pregado pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), a proposta nacional-popular representou e designou a cultura política das esquerdas engajadas, de forma a tentar construir uma compreensão acerca dessa nova realidade brasileira gerada pela modernização e defender um desenvolvimento econômico brasileiro em que os setores populares estivessem incluídos (NAPOLITANO, 2020).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Sendo enquadrado no segundo perfil, o jornal *Versus* foi idealizado pelo jornalista Marcos Faerman⁵, lançado no formato tabloide em outubro de 1975 na cidade de São Paulo e publicado até outubro de 1979 totalizando 34 edições, e fez uso de narrativas históricas e metafóricas para realizar críticas de cunho cultural às políticas empreendidas pela Ditadura Militar (KUCINSKI, 1991, p. 130). Não possuiu uma periodicidade fixa, iniciou bimestral, passou a mensal e terminou novamente bimestral, e as edições variavam de 40 a 50 páginas.

Os seus conteúdos eram apresentados em vários formatos, como reportagens, textos literários, histórias em quadrinhos, poemas, contos e ensaios fotográficos. Como explicado por Bruno da Rocha (2019, p. 100), a publicação de *Versus* pode ser definida como um jornalismo literário, uma vez que “Adotou uma linguagem que tinha no novo jornalismo norte-americano sua referência, com uma preocupação tanto no papel do repórter quanto na forma de escrita da notícia [...]”.

A partir de sua estética particular responsável por um jornalismo de aspectos literários, o jornal *Versus* construiu uma resistência cultural perante a censura e a repressão do regime militar, o que o fez não ser censurado igual a outras publicações da imprensa alternativa, tal como o jornal *O Movimento* (KUCINSKI, 1991, p. 130).

Por possuir essa estética específica, o periódico foi focado por pesquisas que compreenderam problemáticas variadas, a começar pela análise comparativa de sua visão sobre cultura com a que era empregada pela revista oficial publicada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

A fim de verificar e categorizar como a noção de cultura foi tratada pela equipe editorial de *Versus*, Jeferson Cândido (2008) traçou uma análise comparativa com a revista *Cultura* publicada pelo MEC entre os anos de 1971 e 1984. O trabalho se dedicou a compreender o intervalo entre as edições 20 e 30 de *Cultura*, publicadas entre 1976 e 1978 durante a gestão de Ney Braga no MEC, e o entremeio das edições 1 e 23 de *Versus*, lançadas entre 1975 e 1978 ao longo do período em que Marcos Faerman ainda atuava como um dos editores do jornal.

⁵ De acordo com Jeferson Cândido (2008, p. 48) e Italo Pereira (2018, p. 83), Marcos Faerman (1944-1999) foi um jornalista gaúcho, ex-militante do PCB e POC que, antes de fazer parte da imprensa alternativa e fundar o jornal *Versus*, trabalhou para os jornais *Última Hora* e *Zero Hora*, em Porto Alegre, e, ao se mudar para São Paulo, atuou no *Jornal da Tarde*.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para cumprir com o foco de sua pesquisa, Cândido fez uso das teorias e definições de Raymond Williams sobre a relação existente entre cultura e a história social, as quais, a partir de discussões contemporâneas, caracterizam a cultura como um sistema de significações responsáveis pela construção, reprodução e comunicação de uma determinada ordem social (CÂNDIDO, 2008, p. 64-65). Se na revista do MEC, cultura é trabalhada em entrevistas e apresentada em ensaios sobre literatura, cinema, música e artes, em conjunto com matérias que retratam as atividades do governo, em *Versus*, cultura assume um tom de resistência e ação política ao abordar temas literários, cinematográficos, teatrais, artísticos e jornalísticos como forma de criticar a sociedade em que circula (CÂNDIDO, 2008, p. 65-66).

Dessa forma, Cândido (2008, p. 75) percebeu que, num primeiro momento, a editoria de cada periódico utilizou a noção de cultura de maneira a legitimar interesses específicos. Na revista *Cultura* do MEC, o emprego dessa noção fundamentou uma produção artística que se relacionou com certo interesse histórico e nacional, pois, se trata de critérios do regime militar do que seja histórico e nacional; já em *Versus*, os aspectos culturais foram utilizados para concederem importância à função política e social do periódico, uma vez que elas são combinadas na defesa de um engajamento de resistência.

Ainda que, nesse primeiro momento, as editorias dos periódicos tentaram fundamentar suas visões a respeito do que seria uma perspectiva cultural, essa ação sofreu alterações ao longo das publicações e cultura é relegada ao segundo plano. Na revista *Cultura*, durante a gestão de Jarbas Passarinho no MEC (1969-1974), houve a intenção de indicar e preservar uma “autêntica” cultura brasileira, já na gestão de Ney Braga (1974-1978), influenciada pela conjuntura econômica do período, a editoria adota os interesses do mercado e passa a realizar a distribuição desses exemplares, a fim de difundir essas ideias de cultura (CÂNDIDO, 2008). No que se refere a *Versus*, Cândido (2008, p. 54-55) defende que, após a saída de Faerman, a cultura assumiu novos sentidos e o jornal passou a sustentar uma postura política⁶, de forma que os novos

⁶ Nos pautando na pesquisa de Rocha (2019), por dois motivos não concordamos que *Versus* tenha assumido um posicionamento político ao final de 1978, mas uma postura partidária: primeiramente, manifestações culturais de resistência podem ser consideradas manifestações políticas, logo, *Versus* sempre foi um jornal político; em segundo, o jornal passou a ser dirigido pelo movimento Convergência

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

editores e integrantes abordaram nas páginas da publicação temas mais politizados, como a formação de partidos, a anistia de presos políticos e as greves do ABC.

Nessa linha, devido aos editores estarem atentos a anseios de determinados grupos sociais, *Versus* integrou em sua redação alguns representantes do Movimento Negro, o que resultou na criação do caderno *Afro-Latino América*, “[...] que se torna um espaço de aglutinação de militantes do movimento negro, o primeiro jornal negro dentro de um outro jornal.”, como nos apresenta Kucinski (1991, p. 135).

Tal questão é abordada por Italo Pereira (2018) que, ao investigar o intervalo existente entre as edições 12 e 24, pesquisou sobre o papel da jornalista negra Neusa Maria Pereira e qual o impacto de seu trabalho dentro dos movimentos de luta contra o regime, embora sua análise tenha se reduzido, em sua maior parte, apenas aos escritos da jornalista nesse caderno do jornal *Versus*. Para dar conta de seu objetivo, o autor separou os escritos da jornalista em dois conjuntos de análise: no primeiro há a inserção dos textos que discutiram assuntos próximos às categorias de Raça/racismo e no segundo há o trabalho com os escritos que trataram de temas que se relacionam a Feminismo/Interseccionalidade.

Neusa Maria se dedicou a abordar e analisar os problemas que a mulher negra tinha que combater, e em seus escritos propôs uma “[...] visão da dupla discriminação, uma do fato de ser mulher e a outra pelo motivo de ser negra.”, concluiu Pereira (2018, p. 107). Após esse diagnóstico, percebeu-se que a jornalista escrevia com o objetivo de empoderar os negros e as mulheres, principalmente as mulheres negras, de forma a contribuir com o debate acerca da relação entre desigualdade social, racial e de gênero (PEREIRA, 2018, p. 114).

No entanto, ainda que *Versus* estivesse inserido nas problemáticas sociais existentes dentro do Brasil, os editores não se isentaram a analisar e discutir as ditaduras da América Latina. Segundo Kucinski (1991, p. 134), Marcos Faerman considerava o jornal como uma continuidade do jornal uruguaio *Marcha* e do argentino *Crisis*, este último fechado em 1977 pelo governo ditatorial.

Socialista (CS), grupo responsável por manifestar e defender práticas partidárias, como será apresentado posteriormente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A relação desse periódico da imprensa alternativa com outras publicações existentes na América Latina é analisada por Xenya Bucchioni (2018). De forma contrária ao que foi feito pelos trabalhos citados anteriormente, a autora enfocou em sua pesquisa os 34 números publicados com o objetivo de compreender como ocorreu a produção jornalística de *Versus* e como ela se diferenciou de outros periódicos da imprensa alternativa ao organizar uma rede comunicativa com outros países e construir uma identidade latino-americana.

A partir das coordenadas expostas nos escritos de Robert Darnton, como a percepção do que era produzido, quem produzia, os motivos de tal produção, qual o público-alvo, a autora nos apresenta a rede de influências culturais e jornalísticas à qual *Versus* estava integrado. A publicação cubana *Casa de las Américas*⁷ foi responsável por motivar a reformulação do jornal uruguaio *Marcha*, o qual contou com a participação do escritor uruguaio Eduardo Galeano que, posteriormente, viria a se consolidar como jornalista na fundação e direção do jornal argentino *Crisis*, periódico que inspirou a criação de *Versus* (BUCCHIONI, 2018, p. 33-34).

Bucchioni percebeu *Versus* como uma publicação da imprensa alternativa que desenvolvia constantemente a sua orientação editorial e estrutura jornalística, a fim de desconstruir e propor uma nova forma de escrita responsável por defender uma identidade latino-americana, que considerava produções culturais sobre o continente a partir de uma rede de comunicações entre outras produções jornalísticas semelhantes.

Por estar inserido nessa rede de comunicações e abordar temas referentes à conjuntura latino-americana, os assuntos debatidos nas matérias chamaram a atenção de integrantes da Liga Operária⁸ que, ao criarem relações com membros da editoração de *Versus*, começaram a atuar no jornal no ano de 1977 e lançaram o movimento chamado

⁷ De acordo com Rocha (2019, p. 30-31), a instituição *Casa de las Américas*, cujo nome também é o da revista de sua autoria, é criada em 1959 com o objetivo de promover o intercâmbio intelectual revolucionário entre a cultura cubana e os países do continente e diminuir os efeitos do bloqueio imposto pelo governo norte-americano.

⁸ Um grupo formado por ex-guerrilheiros brasileiros exilados no Chile lançou o movimento conhecido como Ponto de Partida, com o intuito de criticar as ações das guerrilhas e defender o trabalho político das massas, que, após o golpe chileno de 1973, se reorganiza na Argentina e funda a Liga Operária (LO), a qual passa atuar em conjunto com o movimento estudantil e operário depois de retornar ao Brasil (ROCHA, 2019, p. 23).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de Convergência Socialista (CS), em um momento em que diversos outros periódicos da imprensa alternativa assumiam visões partidárias (KUCINSKI, 1991, p. 135).

Bruno da Rocha (2019, p. 15), também ao analisar a totalidade de números publicados, aborda que, a partir dessa nova orientação editorial “[...] o jornal assume um discurso sociológico e busca analisar as alterações na sociedade brasileira que permitiram o ressurgimento desses movimentos e os rumos que eles poderiam assumir.”. Esse novo engajamento político-partidário de parte da redação provocou uma ruptura na equipe editorial de *Versus* na edição 24, publicada no final de 1978, devido a disputas internas sobre qual posicionamento tomar diante das novas manifestações sociais e partidárias (ROCHA, 2019, p. 15).

Essa ruptura e a saída dos fundadores foram responsáveis por alterar a linha político-cultural percorrida pelo periódico, imprimindo ao jornal uma vertente política e partidária seguindo os interesses da CS durante a publicação dos últimos onze números. Para Rocha (2019, p. 152), essa crise não foi causada simplesmente por desentendimentos entre a equipe, mas porque a Convergência se antecipou ao propor a criação de um partido socialista, o que a fez encerrar a publicação de *Versus* e passar por tais disputas, visto que a CS não possuiu uma forte capacidade de articular as massas para um movimento de reorganização partidária que ainda viria a acontecer.

As pesquisas sobre o jornal *Versus* nos fazem compreender que o periódico foi um veículo que reuniu diversos grupos e interesses ao longo da conjuntura repressiva da Ditadura Militar. Ainda que tenha sido investigado a partir de diversas problemáticas, há um questionamento ainda não dirigido ao periódico: se cinema e imprensa sofreram com os mecanismos de vigilância e censura do regime militar, é possível sustentar que as discussões sobre cinema realizadas pelo jornal *Versus* o auxiliaram na constituição de um posicionamento de resistência cultural? Caso a resposta seja afirmativa, quais as características dessa resistência?

Dessa forma, considerar *Versus* como objeto desta pesquisa e, em certa medida, também uma fonte, tem a possibilidade de nos ajudar a compreender as intencionalidades e inquietações que levaram os membros do jornal a produzir e veicular escritos que tratassem sobre os movimentos cinematográficos durante a Ditadura Militar e perceber como tais matérias foram utilizadas pelos editores e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

jornalistas para constituir um discurso de resistência cultural diante do autoritarismo do período.

Ao olhar para o jornal e percebê-lo como um veículo informativo cuja intencionalidade é inerente, o historiador precisa ter o cuidado de não o demarcar como um objeto em que os acontecimentos são apenas depositados, mas compreendê-lo como força ativa da história, responsável por apresentar um olhar cultural sobre determinada sociedade e, ao mesmo tempo, ser uma ferramenta constitutiva do meio social (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258-259).

Perceber as particularidades desse jornal da imprensa alternativa é capaz de colaborar com o nosso entendimento acerca das características dessa resistência cultural e como a equipe editorial se comportou ao selecionar quais elementos cinematográficos poderiam contribuir para o reforço de seus ideais e quais poderiam comprometê-los, de maneira a fragilizar ou solidificar as contestações dirigidas ao regime militar.

Como esses pontos ainda não foram explorados pela historiografia sobre o jornal *Versus*, a pesquisa empenhar-se-á em preencher tal hiato. Assim, as análises que serão efetuadas buscarão interpretar os interesses e opiniões da produção jornalística alternativa acerca daquilo que *Versus* propôs como resistência cultural durante e perante a Ditadura Militar, colaborando com a dilatação dos estudos sobre as resistências desempenhadas ao longo desse complexo conjunto de relações da história brasileira.

Considerações iniciais e caminhos possíveis

Partir da historiografia abordada no segundo tópico deste texto nos ajuda a entender como o jornal *Versus* foi um veículo alternativo responsável por aglutinar em suas páginas temas e visões plurais que, em certa medida, contribuíram para construir, desconstruir e reconstruir sua orientação editorial, favorecendo a produção de escritos que fizeram frente ao autoritarismo da Ditadura Militar.

No que se refere ao exposto como foco da pesquisa a ser desenvolvida, podemos perceber o jornal *Versus* como um objeto possível para compreendermos as dinâmicas e movimentos do cinema no período, na medida em que o veículo, ao se colocar como um periódico de resistência cultural, abordou e discutiu esse tema em diversos escritos. Em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

relação a tal ponto, é possível traçarmos algumas coordenadas iniciais que guiarão viáveis categorias de análise, como escritos que abordaram o cinema internacional e o nacional ou a coluna sobre cinema do cineasta Luis Rosemberg Filho⁹, publicada de forma ininterrupta entre as edições 11 (junho/1977) e 23 (julho-agosto/1978). Ainda que tais caminhos tenham sido desenhados, e podem ser redesenhados devido a sua flexibilidade, algumas questões surgiram ao longo dos diálogos e reflexões iniciais.

Após a ruptura editorial ocorrida no final de 1978, a direção de *Versus* ficou a cargo da Convergência Socialista que publicou os últimos onze números do jornal, edições 24 a 34. Conforme trabalhado na apreciação historiográfica, a CS organizou publicações de cunho político-partidário que se distanciaram da proposta original do periódico. Sendo assim, para ampliar e apontar mais um possível caminho de análise, questionamos se as publicações sobre o cinema permaneceram sob essa nova orientação e, se permaneceram, quais as suas características?

De forma a complementar, se considerarmos os perfis traçados por Kucinski (1991), os alternativos políticos e os existenciais, sendo *Versus* um veículo que foi enquadrado no segundo, podemos dizer que os escritos que trazem tais características filosóficas influenciaram as demais produções do jornal e, principalmente, o que foi publicado sobre cinema? E, caso influenciaram, como esses aspectos também auxiliaram a constituir uma resistência cultural? Quais as características e possíveis definições dessa resistência?

Os questionamentos acima elencados tendem a traçar caminhos possíveis para a estruturação de novas análises sobre o jornal *Versus*, de maneira a evidenciar que a percepção do historiador e o seu trato com as fontes permitem a elaboração de novos objetos de pesquisa, a confecção de novas problemáticas e a tentativa de constituir um bloco que almeja suprir as lacunas das narrativas históricas.

⁹ Breve biografia realizada por *Versus* sobre o autor da coluna: “Luis Rosemberg Filho é um cineasta brasileiro da nova geração, ainda desconhecido pelo público. A maioria de seus filmes, inéditos no Brasil, estão engavetados no Brasil, por problemas com a censura. Alguns de seus trabalhos: **Balada da Página Três**, com Adriana Prieto; **Jardim das Espumas – Imagens**: Prêmio do Júri no Festival do Cinema de Toulon, França, 1973; **América do Sexo**, um dos episódios, com Itala Nandi e José Celso Martinez; **Assentina das Américas**, que será distribuído pela Embrafilme” (VERSUS, 1977, p. 10) – grifos do original.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fontes

VERSUS. São Paulo: Editora Versus, n. 1-24, 1975-1978. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 06 jul. 2021.

VERSUS. São Paulo: Editora Versus, n. 25-34, 1978-1979. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br>. Acesso em: 06 jul. 2021.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Flávio. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2011. p. 233-247.

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar. **Caminhos cruzados: Versus (1975-1979) e a América Latina - aproximação, presença e (re)leitura.** 2018. 313 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti *et al.* **Dimensões da Política na Historiografia.** Campinas: Pontes Editores, 2008. p. 9-23.

CÂNDIDO, Jeferson João. **Dois lados da moeda?: Versus, um jornal alternativo, e cultura, uma revista do MEC (1976 - 1978).** 2008. 405 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2008.

CRUZ, Heloísa F.; PEIXOTO, M. do Rosário da C. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História,** São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento,** Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 5-74, 2017.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, jul. 2004.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 213-230.

KNACK, Diego. Moralismo, anticorrupção e práticas autoritárias: o caso da Ditadura Militar (1964-1985). In: CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; ARAÚJO NETO, Luiz

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Alves (org.). **A eterna encruzilhada brasileira**: autoritarismo, totalitarismo e democracia. São Paulo: Todas As Musas, 2019. p. 287-311.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 1991.

KUSHNIR, Beatriz. Parabéns pra vocês, pêsames para nós... Reflexões acerca de alguns 'aniversários' do golpe. In: NAPOLITANO, Carlo José; LUVIZOTTO, Caroline Kraus; LOSNAK, Célio José; GOULART, Jefferson Oliveira (org.). **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 176-193.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, Italo Jardim de Oliveira. **Neusa Maria Pereira**: a voz e o lugar de uma intelectual negra na resistência do jornal versus. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Relações-Étnico Raciais (PPRER), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2018.

ROCHA, Bruno Everton Bezerra da. **Versus**: Páginas para ler em dias de sol. 2019, 165 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.